ENTRE A DEVOÇÃO E A MEMÓRIA: UM ESTUDO SOBRE OS RITOS EM TORNO DO TÚMULO DE CORINA PORTUGAL

Cristiane Aparecida Raineri Oliveira (PIBIC/FA), Elizabeth Johansen (Orientadora), e-mail: eliza.j@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa / Bacharelado em História.

Ciências Humanas; História; História do Brasil e História Regional do Brasil.

Palavras-Chave: *Corina Portugal, devoção popular, trocas simbólicas, memória, lugar de memória, história oral*

Resumo

A pesquisa analisa a devoção no túmulo de Corina Portugal, no Cemitério Municipal São José (Ponta Grossa), como prática de religiosidade popular que se constitui em lugar de memória. A abordagem qualitativa combinou observação participante, registro etnográfico e história oral temática, com visitas em datas-chave, registros fotográficos e entrevistas em formato gravado e escrito. Os resultados indicam que a devoção funciona como sistema de trocas simbólicas (MAUSS, 2003), em que oferendas e agradecimentos mantêm vivo o culto e revelam a função social de mediação de conflitos e enfermidades. Conclui-se que a comunidade ressignifica a memória de uma vítima de violência, transformando dor em patrimônio simbólico transmitido entre gerações.

Introdução

O estudo investiga a devoção a Corina Portugal como expressão da religiosidade popular e prática de memória coletiva. Busca compreender como o túmulo é ressignificado como lugar de memória (NORA, 1993), por meio de rituais, narrativas e símbolos que revelam dimensões sociais da fé. A pesquisa contribui para o debate sobre patrimônio imaterial e religiosidade popular em Ponta Grossa.

Materiais e Métodos

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, com triangulação entre observação participante, registro etnográfico e entrevistas orais temáticas (MEIHY; HOLANDA, 2007; PORTELLI, 1997). As visitas ao Cemitério Municipal São José ocorreram em datas estratégicas, registrando práticas rituais e oferendas. O registro etnográfico incluiu anotações de campo, fotografias e relatos informais. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em duas modalidades: gravadas, com transcrição validada pelos narradores, e respostas escritas, quando não houve consentimento para gravação. Essa triangulação possibilita analisar experiências, memórias e significados atribuídos à devoção em torno do túmulo da Corina Portugal.

Resultados e Discussão

As observações de campo revelaram que a devoção a Corina Portugal opera como sistema de trocas simbólicas (MAUSS, 2003), no qual o ciclo de oferendas (flores, velas) e retribuições (placas de agradecimento) consolida o túmulo como lugar de memória ativo (NORA, 1993). A história oral temática, conduzida em formato híbrido (MEIHY; HOLANDA, 2007), entrevistas gravadas e testemunhos escritos, respeitou as condições dos narradores e aprofundou os significados da prática. Os relatos evidenciam sua função social como mediadora de conflitos cotidianos, especialmente familiares e de saúde. A análise indica que a devoção atua como forma de resistência e reparação simbólica: a comunidade ressignifica a memória de uma vítima de assassinato, transformando dor em devoção. Essa relação se perpetua como compromisso simbólico entre gerações, assegurando a continuidade da memória e do ritual.

Conclusão ou Conclusões

A devoção a Corina Portugal constitui memória coletiva que combina fé, símbolos e narrativas. Mais que prática individual, representa resistência e patrimônio cultural comunitário. A pesquisa, ao registrar práticas, narrativas e significados diretamente com os devotos, configurou-se como um inventário participativo abordagem ausente no processo oficial de reconhecimento da devoção como patrimônio imaterial em Ponta Grossa.

Agradecimentos

À UEPG, Fundação Araucária, prof.ª Elizabeth Johansen e às devotas participantes da pesquisa.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
NORA, P. Entre memória e história. Projeto História, n. 10, 1993.
PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. Projeto História, n. 14, 1997.